

A CRÔNICA COMO GÊNERO QUE INTRODUZIU O ESPORTE NO BRASIL.

Ricardo de F. Lucena.
Dep. de Ed. Física/UFPE

“A um escritor muito vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria, as laranjas... os palavrões, deu-me a sensação da notoriedade verdadeira. Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente de paixão que a crítica literária ou o jornalismo político” (REGO apud COUTINHO, 1995, p. 39).

Não parece ser tarefa fácil definir com precisão o primeiro instante em que se começa a falar do esporte entre nós. Não sei bem em que perdido ano do século XIX o termo esporte foi usado pela primeira vez. Mas é certo que não foi nos primeiros cursos de Medicina do Rio de Janeiro ou de Salvador, onde se discutiam ações higiênicas necessárias à constante ameaça de epidemias. Também em nenhum discurso político em que alguns deputados se abalavam na defesa da ginástica ou dos exercícios militares como ações necessárias para a formação do “homem brasileiro”. Parece-me que não encontraremos tal resposta no exame do meio militar, no qual os métodos ginásticos também mereceram tanto prestígio com a vinda de instrutores ora da Alemanha, ora da França. Tudo indica, porém, que é no meio jornalístico e literário que o termo *sport* vai merecer uma atenção e uso maior e já num sentido que denota um tipo de divertimento específico.

Repare o leitor, que quando falo do termo me reporto ao “meio jornalístico e literário” e não a um ou a outro separadamente. Isso porque tudo me leva a crer que, como foi anunciado no título deste trabalho, é na crônica de jornais que essa forma de divertimento vai merecer um primeiro registro e chamar a atenção. Em 1854 ninguém menos que o atento escritor José de Alencar alertava para as primeiras corridas no Jockey Clube e mostrava o grande interesse que esse “divertimento”¹ despertava entre o público fluminense. Mais adiante, é desse processo que vamos tratar. É da crônica que vou falar e de seu vínculo com as ações esportivas.

Num trabalho anterior² eu falava, em um tópico denominado “*Um esporte para a literatura*”, sobre os cronistas e as crônicas que tratavam das crescentes práticas desportivas na cidade e seu reflexo no tratamento dispensado pelos jornais do final do século XIX e início do século XX. Sugeria, na oportunidade, que, pelas crônicas, poderíamos perceber o quanto de força e representação o esporte já angariava na sociedade do Rio de Janeiro de então. Mas, por que isso pode ser tão percebido nas crônicas? Por que escritores, como Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto e outros, dedicaram parte de seu tempo a tratar e mostrar a interferência dessa forma de expressão no contexto urbano de cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo?

Num outro estudo, com um enfoque bem próximo ao que eu tenho anotado, Melo (1999), tentando compreender a difusão das práticas esportivas no Rio de Janeiro do século XIX e no período de transição para o século XX, vai apelar também às crônicas como uma forma de melhor visualizar o contexto em que estavam “crescendo” as ações nos diferentes esportes. Para Melo, era também importante assumir que a crônica, da forma como ela se constrói entre nós e em especial no Rio de Janeiro, que tem uma forte ligação com esse gênero, torna-se uma fonte relevante que nos permite ter acesso aos pequenos fatos do cotidiano.

Mas poderíamos ainda continuar perguntando: por que na crônica, para tantos e por tanto tempo considerada um gênero menor, é que devemos centrar a atenção? Em meu entendimento, um dos aspectos é justamente este: por ser um “gênero menor”, a crônica se viu ligada às coisas pequenas e permitiu ao cronista voltar-se às questões do dia-a-dia.

Não é à toa que Machado de Assis, totalmente absorvido por esse “jeito de ser”, vai nos dizer, em uma de suas tão irônicas e requintadas crônicas, que o seu olhar de míope (ou do cronista?) está voltado para as pequenas coisas que

as grandes vistas não percebem. Machado, como João do Rio e Bilac, fez de suas crônicas um diário do tempo que viveu e, muito embora tenha esse gênero literário, com o passar dos dias, perdido um pouco de seu vigor, muitos que vieram depois também buscaram anotar o que há de sensível no cotidiano, pela crônica.

Nesse sentido, não podemos deixar de considerar textos de Graciliano Ramos, Lima Barreto, José Lins do Rego, Rubem Braga, Luiz Fernando Veríssimo e outros tantos que fizeram da crônica uma forma de traduzir as grandes e pequenas coisas do mundo.

Assim, a crônica está diretamente ligada ao imediato, ao dia-a-dia, ao efêmero cotidiano que retrata a cidade. Conforme Cândido (apud MORENO, 1997, p. 1293-1294), “... *humaniza o cotidiano, tira o pensamento da retidão, redimensiona coisas e pessoas. Sobretudo, mostra a grandeza, quem sabe a beleza, dos pequenos acontecimentos*”.

Esse redirecionar que vemos expresso aqui é parte de sua relação íntima com o tempo. A própria palavra *crônica* está vinculada ao termo grego *chronos*, que significa tempo. Segundo Crônica (1998, p. 502), aparece, entre outras coisas, significando “*narração histórica, feita por ordem cronológica*”. Se hoje pode ser vista como um enfoque dos fatos do dia-a-dia, já foi vista, por certo, como um registro do passado. É essa relação com o tempo que muito a caracteriza.

Como já anotei, importa aqui pensar sobre a crônica nos jornais do início do século XX que, tendo superado os espaços de folhetins de jornais do século XIX, passa a ter uma feição própria e merecer o cuidado dos nossos homens de letras. Tendo como matéria-prima a própria vida, a crônica criava e estabelecia — ou cria e estabelece? — um relacionamento pessoal entre o leitor e o cronista. E não era incomum que aquele (o leitor) escrevesse corrigindo ou se solidarizando com este (o autor) por uma opinião ou palpite emitido em uma de suas crônicas anteriores. Portanto, cada um, entre todos, se tomava atento e exigente. Um exemplo nesse particular é o caso de Lima Barreto, que não poupava os pares quando o assunto era seus escritos, em especial aqueles que defendiam os esportes, e em particular o futebol. Numa de suas crônicas, não se conformando com a opinião de um escritor-jornalista, assim se manifestou:

Um articulista de ‘O Jornal’, na edição de 31 do mês último, sob a epígrafe acima [Educação Física], faz- longas considerações sobre o assunto, avançando afirmações que não devem passar em julgado. Sei bem que uma pessoa importante que se acolhe à sombra de um jornal importante, sem precisão de assinar o nome por baixo daquilo que escreve, não vai dar a mínima atenção ao que escrevo. Mas, para que não fique estabelecido que isso aqui é um país de néscios, animo-me a contestá-lo, apesar de tudo e da pouca valia de, meu nome.

Afirma semelhante senhor: ‘Todos os pedagogistas, higienistas e filósofos que se preocupam com os problemas sociais, proclamam-na (a educação física) como útil e indispensável como o cultivo intelectual.’ Há nisto uma observação a fazer: se o articulista quer se referir a meninos e rapazes, estou de acordo com a sua generalização; mas se quer falar desses marmanjos que, à falta de outras habilidades superiores para atrair a atenção das damas se põem por aí seminus a dar pontapés numa bola, a esmurrarem-se e a soltar palavões, eu protesto... (BARRETO, educação física..., 1961, p. 111-113)

Sem entrar em consideração acerca das teses criticadas e defendidas, vale apontar aqui dois aspectos que no momento me parecem bastante relevantes. Primeiro, que se trata de um tema bastante peculiar, a Educação Física, e, por extensão, o esporte. Um tema, certamente, menor para muitos intelectuais da época e que, por isso mesmo, merece ser aqui observado e mereceu na oportunidade a atenção de nossos cronistas. Não só ao esporte, mas também às festas, aos cafés, às brigas entre vizinhos, etc. se dedicaram nossos cronistas na tentativa de tecer a colcha de retalhos que são as cidades e as cidades brasileiras em especial. Um exemplo entre tantos é a crônica “Vida urbana, vista da Rua do Costa”, escrita por Coelho Neto, em 1908, em que o autor, buscando na lembrança, marca a transformação por que passava a cidade de seu tempo e as personagens das ruas que no tempo se perderam. Falava ele, então, do caixeiro que

passava de casa em casa, do guarda urbano, dos capoeiras que dominavam o lado escuro das ruas, etc. Sendo assim, pretendida como um espaço de confidências entre o cronista e o leitor amigo (nem sempre!), a crônica se ocupa da aventura do cotidiano e é no espaço da cidade que ganha campo, livre de peias e cabrestos.

O segundo aspecto diz respeito ao mundo que se constrói por meio de um gênero que se afirma na passagem do século XIX para o século XX e, assim, vai ter, nos temas transversais, um espaço profícuo de identificação com o leitor. Entre esses temas, estava, notadamente, o esporte. Repare, “leitor amigo”, que, na crônica de Lima Barreto, o que ele não deixa escapar é o confronto de opinião com o outro articulista e também o confronto com aqueles que se dedicam a tal prática, no caso, a elite carioca. Percebamos que, ao falar dos marmanjos que “*à falta de outras habilidades superiores para atrair a atenção das damas..*”, o nosso cronista reclama é de nossas elites tão afeitas aos costumes surgidos na Europa e que, portanto, primeiro tomaram contato e se aventuraram nas práticas dos esportes. O fato de se sobressair dando “*pontapés numa bola*”, para Lima Barreto, ao invés de demonstrar algum virtuosismo, denota mesmo são as poucas “*qualidades intelectuais*” daqueles que se dedicam a tais práticas.

Pois bem, é disso tudo que se ocupa a crônica e o cronista. Do processamento da complexa teia de inter-relações que marca a vida de contatos das cidades. Vida que, certamente, não se constrói apenas por grandes acontecimentos econômicos e políticos, mas que se edifica na soma das coisas miúdas que promovem a interdependência crescente dos indivíduos. Nesse sentido também, do universo jornalístico de onde ela emerge, a crônica vai instaurar rupturas tanto do ponto de vista lingüística quanto e, principalmente, do ponto de vista temático. Conforme Pereira (1994, p. 27-28), “*... a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas emprestando às informações jornalísticas outros referentes concebidos na própria articulação entre as várias linguagens que o cronista exercita para explicar a representatividade de seu mundo ao leitor*”.

Certamente, uma das grandes contribuições que nossos cronistas pontuaram foi a tentativa de aproximar os escritos dos jornais da realidade dos centros urbanos. Se os jornais, no decorrer do século XX, vão se tomar espaços complexos, ao cronista coube contribuir para a elaboração de uma linguagem do jornalismo e, com isso, apontar caminhos no emaranhado de ilusões e desilusões que os centros urbanos propiciavam. Nesse sentido, Pereira (1994, p. 109) menciona que:

a crônica é quem melhor reflete a transição da imprensa político-literária para o jornal-empresa, principalmente quando se tenta perceber as transformações em níveis de linguagem e a forma como se organizam os espaços destinados a informar o leitor no jornalismo deste século.

Não demorou muito para que o esporte ganhasse, dia-a-dia, mais espaço no gosto popular e com isso também mais atenção daqueles que escreviam sobre coisas simples do cotidiano. As crônicas sobre o esporte, e em especial sobre o futebol, passaram a ser crônicas esportivas, num exemplo claro da relação que se aprofundava entre a linguagem jornalística e a crônica que vai passo a passo se constituindo num *gênero-síntese* (RAMADAN, 1997).

Naquele estilo de crônicas sobre o esporte, bem avançado para as primeiras décadas do século XX, Rubem Braga nos mostra ainda a vida na cidade pelo prisma da relação entre vizinhos, em crônicas como *As Teixeira moravam em frente, As Teixeira e o futebol e A vingança de uma Teixeira*, que tinham como motivo o jogo de futebol. Elas, que moravam na rua de sua infância e que não tinham a menor afeição pelo esporte bretão. Afirmava na ocasião nosso cronista “*... que as partidas eram emocionantes; até hoje não compreendo como as Teixeira jamais se entusiasmaram pelos nossos prélios. Isso foi um erro, e na semana que vem eu contarei por quê*” (BRAGA, *As Teixeira moravam em frente*, 1984, p. 50-51).

Mas, se o cronista contribuiu para a elaboração de uma linguagem própria dos jornais, essa linguagem passa também pela assimilação de um estilo, podemos dizer, “esportivo” no fazer jornalístico. Escritores como José Lins do Rego, por exemplo, perceberam a independência narrativa e o poder de ligação com o leitor que a crônica comportava. Zelins, como carinhosamente era chamado por alguns amigos, tornou-se, nas páginas do Jornal dos Sports, aonde chegou a escrever 1.571 crônicas sobre o tema, durante cerca de doze anos, um cronista apaixonado e vibrante (COUTINHO, 1995). Escreveu muito e, como poucos, soube dar a dimensão, pela crônica, do que representava – ou representa? – a força do esporte entre nós. Afinal, tudo parecia poder se resumir ao par *Esporte e vida*³

Portanto, quando o esporte ganhou cor e importância na pena dos nossos políticos e educadores, de há muito já vinha sendo considerado pelos cronistas que observaram o seu desenrolar na vida das cidades. A crônica, ao que parece, ajudou a construir esse gosto pela nova forma de divertimento. Quando Azevedo (1960) seleciona várias páginas para o esporte no seu magnífico texto “Da educação física”, já muita tinta tinha sido gasta para marcar a presença dessa prática no Brasil. Quando o Governo Vargas constrói toda uma teia legislativa para centralizar o domínio no esporte, é porque a prática já conquistara um público muito maior que os pequenos grupos dos filhos das elites.

Para concluir, vale salientar mais uma vez que, não se limitando aos preceitos da literatura ou do jornalismo, a crônica permitiu construir, com precisão, um espaço de discussão e difusão de uma “invenção social” como o esporte, que se fez mais brilhante e objeto de devoção com a fala de nossos cronistas. Eles que, nos seus diferentes tempos, souberam como ninguém tanto e tudo (ou quase) do que as práticas esportivas representavam e ainda representam.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. de. *Da educação física*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BANDEIRA, M.; ANDRADE, C. D. de. *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

BARRETO, L. Educação física. In: _____. *Feiras e mafuás: artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. p. 111-113.

_____. Sobre o Foot-ball. In: _____. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. p. 147-150.

_____. Uma partida de Football. In: _____. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. p. 183-184.

BILAC, O. *Crítica e fantasia*. Lisboa: Livraria Clássica, 1904.

BRAGA, R. A vingança de uma Teixeira. In: _____. *Crônicas do Espírito Santo*. Vitória, ES: FCAA: UFES, 1984. p. 52-57.

_____. As Teixeiras e o futebol. In: _____. *Crônicas do Espírito Santo*. Vitória, ES: FCAA: UFES, 1984. p. 53-54.

_____. As Teixeiras moravam em frente. In: _____. *Crônicas do Espírito Santo*. Vitória: FCAA: UFES, 1984. p. 49-51.

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

COELHO NETO. Vida urbana, vista da Rua do Costa. In: BANDEIRA, M.; ANDRADE, C. D. de. *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

COUTINHO, E. Z. *Flamengo até morrer!* Rio de Janeiro: [s.n.], 1995.

CRÔNICA. In: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

LUCENA, R. de F. *O esporte na cidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MELO, V. A. de. *A cidade sportiva – o turfe e o remo no Rio de Janeiro :1849-1903*. 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

MORENO, A. Corpo e práticas corporais nas crônicas de Machado de Assis. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Florianópolis, v.1, p. 1293-1294.

PEDROSA, M. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

PEREIRA, W. *Crônica: a arte do útil ou do fútil?* João Pessoa: Idéia, 1994.

RAMADAN, M. I. B. Crônica de futebol: um subgênero. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 45-68, 1997.

RAMOS, G. *Linhas tortas*. São Paulo: Livraria Martins, [196-?].

NOTAS:

¹ Uso aqui o termo divertimento para salientar que as primeiras ações esportivas, tiveram mesmo um caráter de divertimento para as nossas elites que, com isso, buscavam diferenciar-se. Nesse período, o que vai marcar fortemente essa ação voltada para a prática esportiva são os aspectos tempo, espaço e atitude (regras).

² LUCENA, Ricardo F. *O esporte na cidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

³ Esporte e vida era o nome da coluna que José Lins do Rego manteve no Jornal dos Sports durante 12 anos. De 1945 à 1957.